

Fazendo perguntas, encontrando respostas

Prólogo: Planejando seu projeto

SE VOCÊ JÁ LEU ESTE LIVRO UMA VEZ, então está pronto para iniciar seu projeto. Mas, antes de ir à biblioteca, faça um planejamento cuidadoso. Se o trabalho que seu professor lhe indicou define uma pergunta e especifica cada etapa do projeto, leia por alto os próximos dois capítulos novamente, siga as instruções de seu trabalho, então retorne à Parte III antes de começar a redigir o rascunho. Se, por outro lado, você precisa planejar sua própria pesquisa, até mesmo encontrar um assunto, poderá sentir-se intimidado. Mas conseguirá desincumbir-se da tarefa, se executá-la passo a passo.

Não existe uma fórmula pronta para orientar todas as pesquisas: você terá de gastar algum tempo pesquisando e lendo, até descobrir onde está e para onde vai. Perderá tempo em situações sem saída, mas acabará aprendendo mais do que seu trabalho exige. No final, porém, o esforço extra irá compensar, não apenas porque você fará um bom relatório, mas também porque verá aumentada sua capacidade de lidar mais eficazmente com problemas novos.

Quando começar, leve em conta que terá de considerar as seguintes etapas iniciais:

- Estabeleça um *tópico* bastante específico para permitir-lhe dominar uma quantidade razoável de informações, não “a história da redação científica”, mas “os ensaios das *Atas da Real Sociedade* (1800-1900), precursores dos modernos artigos científicos”.

- A partir do assunto escolhido, desenvolva *perguntas* que irão nortejar sua pesquisa e orientar você para um *problema* que pretenda resolver.
- Reúna *dados* relevantes para responder às perguntas.

Depois de coletar os dados que respondam à maioria de suas perguntas, você terá, é claro, de organizá-los em forma de um argumento (o tema da Parte III) e redigi-los num rascunho (o tema da Parte IV).

À medida que for coletando, ordenando e reunindo suas informações, escreva o máximo que puder. Grande parte desse trabalho de redação será fazer simples anotações, apenas para registrar o que você encontrou, sem esquecer as "anotações para compreensão". Faça descrições em linhas gerais, diagramas mostrando como há relação entre fatos aparentemente discrepantes, resumos de fontes de informações, "posições" e "escolas", listas de casos relacionados, anote as contradições em relação ao que você leu, e assim por diante. Ainda que apenas uma pequena parte dessas anotações preliminares venha a aparecer em seu rascunho final, é importante fazê-las, porque escrever sobre suas fontes, *à medida que avança*, ajudará você a entendê-las melhor e estimulará o desenvolvimento de seu senso crítico. Tomar notas também o ajudará, quando chegar o momento de sentar-se para começar seu primeiro rascunho.

Você logo descobrirá que não pode cumprir essas etapas na ordem exata em que as apresentamos. Perceberá que está esboçando um sumário antes de ter coletado todos os dados, formulando um argumento antes de ter todas

Quais são seus dados?

Não importa a que área pertençam, todos os pesquisadores usam informações como evidências para sustentar suas afirmações. Mas, dependendo de sua área de atuação, eles atribuem nomes diferentes às evidências. Uma vez que o nome mais comum é dados, adotaremos esse termo quando nos referirmos a qualquer tipo de informação usada nas diversas áreas. Observe que por dados estaremos nos referindo a mais do que a informações quantitativas, comuns nas ciências naturais e sociais, embora o termo possa soar estranho aos ouvidos de pesquisadores da área de ciências humanas.

as provas, e, quando pensar que tem um argumento que vale a pena, poderá descobrir que precisa voltar à biblioteca em busca de mais provas. Talvez chegue mesmo a descobrir que precisa repensar as perguntas que formulou. Pesquisar não é um processo no qual pode-se ir de um ponto a outro de modo simples, linear. No entanto, por mais indireto que seja seu progresso, você se sentirá mais confiante de que está progredindo de fato, se entender e administrar os componentes do processo.

Sugestões úteis:

Trabalhando em grupo

Sugerimos que você peça a seus amigos que leiam versões de seu relatório, de modo a poder vê-lo como os outros o vêem. Mas também pode acontecer de lhe pedirem para redigir um relatório como parte de um trabalho em grupo. Nesse caso, você terá pela frente tanto oportunidades quanto desafios: um grupo dispõe de mais recursos do que alguém trabalhando sozinho, mas, para tirar proveito dessa vantagem, precisa conduzir-se com muito cuidado.

Três aspectos fundamentais do trabalho em grupo

Conversar bastante

O primeiro aspecto fundamental dos trabalhos em grupo é que os participantes devem conversar bastante e chegar a um consenso sobre um plano de trabalho. Mais ainda do que no caso de um autor isolado, o grupo precisa de um plano, e conversar a respeito é o único modo de criá-lo, acompanhar seu progresso e, o que é mais importante, mudá-lo quando o projeto estiver mais definido. Marquem reuniões regulares, mantenham contatos telefônicos semanais, troquem endereços, *e-mail*, façam tudo o que puderem para garantir que uns conversem com os outros sempre que houver oportunidade.

Antes de começar, certifiquem-se de que o grupo esteja de acordo quanto às metas – a pergunta ou problema de que irá tratar, o tipo de afirmação que espera apresentar, o tipo de evidências necessárias para sustentá-la. O grupo modificará essas metas à medida que os participantes compreenderem melhor o projeto, mas desde o início deve haver um entendimento sobre

1890. O grupo deve falar sobre os leitores – o que eles sabem, o que acham importante, o que vocês esperam que eles façam com seu relatório. Finalmente, o grupo deve delinear as etapas para atingir as metas, estabelecendo o que cada um deve fazer e quando.

Para focalizar as discussões nas etapas do projeto, usem estes capítulos como guia. Utilizem as listas de verificação para trocar idéias sobre os leitores (pp. 32-3), para fazer perguntas sistematicamente (pp. 50-4), reformulá-las em forma de um problema (pp. 68-77). Designem alguém para manter um esboço que esteja sempre atualizado, primeiro como esboço do tópico (p. 199), depois como esboço da argumentação (p. 140) e finalmente de seus pontos essenciais (pp. 200-201). Se o projeto envolver muitos dados, estabeleçam uma lista para reuni-los, mantenham uma relação de fontes consultadas e ainda a serem consultadas, com anotações breves sobre a importância de cada fonte.

Quanto mais os integrantes do grupo conversarem, mais facilidade terão para escrever juntos. Se, como é o caso dos três autores deste livro, os integrantes tiverem a mesma formação acadêmica, já trabalharam juntos e são capazes de prever as opiniões uns dos outros, poderão conversar menos. Mesmo assim, na redação deste livro, nós três batemos recordes de telefonemas, trocamos centenas de mensagens de *e-mail* e nos reunimos uma dúzia de vezes (em certas ocasiões, dirigindo mais de cem quilômetros para fazer isso).

Concordar para discordar e depois para concordar

Estar de acordo é essencial, mas não esperem que o grupo concorde unanimemente sobre todos os assuntos. Podem esperar divergências sobre detalhes, às vezes bem numerosas. Resolvidas essas divergências, poderão surgir as melhores opiniões do grupo, porque vocês terão de ser explícitos quanto àquilo em que acreditam e por quê. Por outro lado, não há nada que impeça mais o progresso do que alguém ficar insistindo em sua

versão, em incluir sua parcela de dados. Se a primeira regra do trabalho em grupo é conversar bastante, a segunda é manter as divergências em equilíbrio. Se o desacordo for sobre questões que não representem um impacto significativo sobre conjunto do trabalho, é melhor esquecer. Guardem sua intransigência para questões de princípio ético ou de acordo fundamental.

Organizar-se como equipe, com um líder

O grupo deve pedir a alguém para atuar como moderador, agilizador, coordenador, organizador. Essa função recebe nomes diferentes, mas a maioria dos grupos precisa de alguém para manter o cumprimento do cronograma, indagar sobre os progressos, mediar as discussões e, quando o grupo parecer travado, decidir qual caminho seguir. Os integrantes do grupo podem alternar-se nessa função, ou uma pessoa só pode exercê-la durante todo o projeto. O resto do grupo simplesmente concorda que, depois de um extenso debate, é o moderador/agilizador quem toma uma decisão, com a qual todos concordam, antes de seguir em frente.

Três estratégias para trabalhar em grupo

A seguir, veremos três maneiras de os grupos organizarem seu trabalho e alguns dos riscos que cada uma delas oferece. A maioria dos grupos costuma combinar as estratégias que se ajustem melhor à sua situação em particular.

Dividir, delegar e ir à luta

Esta estratégia explora o fato de que um grupo tem mais habilidades do que um indivíduo. Tudo vai melhor quando os integrantes têm experiências e talentos diferentes, e o grupo divide as tarefas para fazer o melhor uso de cada um. Por exem-

plo, um grupo que trabalhe numa pesquisa sociológica pode decidir que duas pessoas são boas para reunir dados, outras duas para analisar esses dados e produzir gráficos, duas mais para redigir o rascunho, e que todas participarão da edição e revisão do texto. Esta estratégia depende de cada participante reservar tempo suficiente para seu trabalho, na sequência em que esse tiver de ser feito. Se os outros tiverem menos que fazer num determinado momento, poderão executar outros tipos de trabalho, de acordo com as necessidades.

O uso menos proveitoso desta estratégia é dividir o documento em partes para cada participante pesquisar, organizar, fazer o rascunho do texto e revisá-lo. Isso só funciona quando as partes de um relatório são relativamente independentes. Mas, mesmo assim, alguém terá de cuidar de reunir todas as partes, e isso poderá ser um trabalho desagradável, especialmente se os participantes do grupo não consultaram uns aos outros ao longo do caminho.

Não importa como o grupo divida o trabalho: uma grande capacidade de administração torna-se necessária, porque o maior perigo é a falta de coordenação. Caso dividam as tarefas ou partes, os participantes devem sempre conversar sobre o que estão fazendo e deixar perfeitamente claro quem tem a obrigação de fazer o quê. Então, coloquem essas determinações no papel e entreguem uma cópia a cada um.

Escrever lado a lado

Em alguns grupos, os integrantes participam de todo o trabalho, atuando lado a lado durante todo o processo. Esta estratégia funciona melhor quando o grupo é pequeno, bastante unido, trabalha bem em conjunto e dedica bastante tempo à tarefa – por exemplo, um grupo de estudantes de engenharia que dedicam dois semestres ao desenvolvimento de um projeto. A desvantagem é que algumas pessoas ficam pouco à vontade para falar sobre ideias incompletas antes de defini-las por escrito. Outras podem achar ainda mais incômodo comparti-

lhar rascunhos e textos não revisados. Os participantes de um grupo que usa esta estratégia devem ser tolerantes uns com os outros. O que costuma acontecer é que a pessoa mais confiante do grupo ignora os sentimentos dos outros, domina o processo e inibe o progresso.

Trabalhar em turnos

Em alguns grupos, os participantes trabalham em conjunto durante todo o desenvolvimento do projeto, mas redigem o texto e o revisam em turnos, de modo a fazê-lo evoluir para a versão final como um todo. Essa estratégia é eficaz quando os participantes divergem sobre o que é importante, mas suas divergências complementam-se em vez de se contradizerem.

Por exemplo, num grupo envolvido num trabalho sobre o Alamo, uma pessoa pode se interessar pelo choque de culturas, outra pelas consequências políticas e uma terceira pelo papel da narrativa na cultura popular. Os participantes podem trabalhar a partir das mesmas fontes, mas identificar aspectos diferentes do assunto como os mais importantes. Entretanto, depois de compartilharem o que descobriram, revezam-se na redação das versões de um texto único. O primeiro redator cria um rascunho incompleto, mas consistente suficiente para que os outros vejam o esboço do argumento e o ampliem e reorganizem. Cada participante, então, reescreve o sistema de revezamento, entrega-se do rascunho, acrescentando e desenvolvendo as ideias que lhe pareçam mais importantes. O grupo concorda que a pessoa que esteja trabalhando no texto no momento seja seu "dono", podendo, portanto, fazer as mudanças que achar necessárias, desde que essas mudanças reflitam a interpretação do grupo como um todo.

O risco é que o produto final poderá atender a propósitos contraditórios, seguindo um caminho em ziguezague, indo de um interesse incompatível para outro. Um grupo que trabalha pelo sistema de turnos precisa estar de acordo sobre a meta final e a forma do todo, e cada integrante deve respeitar e aceitar as perspectivas dos outros.

Pode ser que seu grupo ache que pode usar uma estratégia diferente em cada fase do trabalho. Por exemplo, no início do planejamento, talvez vocês queiram trabalhar lado a lado, pelo menos até definirem o sentido geral do problema. Para a coleta de dados, vocês poderão achar mais eficaz ir em à luta separadamente. E, nas fases finais da revisão, poderão querer trabalhar em turnos. Ao escrever este livro, misturamos as estratégias. No início, trabalhamos lado a lado até termos um esboço. Desenvolvemos então capítulos separados e voltamos a trabalhar lado a lado, quando nosso progresso exigiu, e sentimos que precisávamos revisar nosso plano (o que aconteceu três vezes, pelo menos). Na maior parte, entretanto, dividimos o trabalho, para que cada um redigisse capítulos independentes. Quando o texto ficou completo, trabalhamos em turnos, e o resultado foi que muitos capítulos assemelham-se bem pouco aos originais, redigidos por um ou outro de nós.

O trabalho em grupo é difícil, e às vezes duro para o ego, mas também pode ser altamente compensador.

Capítulo 3

De tópicos a perguntas

Neste capítulo, você verá como usar seus interesses para encontrar um tópico, restringir esse tópico a uma dimensão controlável e, então, elaborar perguntas que serão o ponto central de sua pesquisa. Se você é um estudante avançado e já tem dezenas de tópicos aos quais gostaria de se dedicar, pode pular para o Capítulo 4. No entanto, se está começando seu primeiro projeto, achará este capítulo bastante útil.

3.1 Interesses, tópicos, perguntas e problemas

SE VOCÊ TEM LIBERDADE para se dedicar a qualquer tópico de pesquisa que o interesse, isso poderá ser frustrante – tantas escolhas, tão pouco tempo. Escolher um tópico, entretanto, é só o primeiro passo; portanto não pense que, tendo encontrado um, você só precisará procurar informações e relatar o que encontrou. Além de um tópico, você precisa encontrar uma razão (independente daquela de cumprir sua tarefa) para dedicar semanas ou meses pesquisando sobre ele e, então, pedir aos leitores que gastem tempo lendo a respeito dele.

Pesquisadores fazem mais do que cavar informações e relatá-las. *Usam essas informações para responder à pergunta que seu tópico inspirou-os a fazer.* No princípio, a pergunta pode ser interessante apenas para o pesquisador: Abraão Lincoln era bom em matemática? Por que os gatos esfregam o focinho nas pessoas? Existe mesmo algo como um tom de voz perfeito inato? É assim que as pesquisas mais significativas começam – com uma comichão intelectual que apenas uma pessoa sente, levando-a a querer coçar-se. A uma certa altura, porém, o pesquisador tem de decidir se a pergunta e sua resposta serão *significativas*, de início para o pesquisador apenas, mas finalmente para outros: um professor, colegas, uma comunidade inteira de pesquisadores.

Chegando a esse ponto, ele precisa encarar sua tarefa de maneira diferente: deve ter como objetivo não só encontrar res-

posta para uma pergunta, mas propor e resolver um *problema* que, a seu ver, outras pessoas também acharão que vale a pena ser resolvido. Essa palavra "problema", no entanto, tem um significado tão especial no mundo da pesquisa, que é o assunto do próximo capítulo inteiro. Levanta questões que poucos pesquisadores iniciantes estão preparados para resolver inteiramente, e que podem perturbar até mesmo um pesquisador mais experiente. Portanto, não se sinta intimidado se no princípio não puder encontrar em seu tópico um problema que outros julgariam digno de ser resolvido. Mas você nem sequer chegará a esse ponto, a não ser que se esforce para achar em seu tópico uma questão que pelo menos você considere que vale a pena propor.

Neste capítulo, focalizaremos os passos que conduzem à formulação de uma pergunta de pesquisa. Como transformar um interesse em um tópico de pesquisa? Como encontrar perguntas que possam orientar a pesquisa? Depois, como decidir se vale a pena dedicar-se a essas perguntas e respostas, não sob o ponto de vista do pesquisador apenas, mas também dos leitores? O processo é o seguinte:

- 1 - Encontrar um interesse numa ampla área temática.
- 2 - Restringir o interesse para um tópico plausível.
- 3 - Questionar esse tópico sob diversos pontos de vista.
- 4 - Definir um fundamento lógico para o projeto.

No próximo capítulo abordaremos uma questão mais perturbadora, a de converter perguntas em um *problema* de pesquisa.

3.2 De um interesse a um tópico

Pesquisadores experientes têm *interesses* mais do que suficientes a que se dedicar. Um *interesse* é simplesmente uma área geral de investigação que gostaríamos de explorar. As favoritas de nós três atualmente são: sociedade e linguagem, coerência e cognição textuais, ética e pesquisa. Mas, embora pesquisadores iniciantes também tenham interesses, às vezes acham difícil localizar entre eles um *tópico* adequado à pesquisa acadêmica.

Um *tópico* é um interesse específico o bastante para servir de base a uma pesquisa que possa ser relatada de maneira plausível em um livro ou artigo que ajodem outros a evoluir em compreensão e maneira de pensar: os sinais linguísticos de mudança social na Inglaterra elisabetana, o papel dos roteiros mentais na criação de coerência do leitor, até que ponto a pesquisa atual é motivada por pagamentos feitos por baixo dos panos.

Se você está livre para estudar qualquer tópico dentro do razoável, só existe um clichê que podemos lhe oferecer: comece pelo que o interesse mais profundamente. Nada contribuirá mais para a qualidade de seu trabalho do que saber que vale a pena desenvolvê-lo e comprometer-se com ele. Inicie relacionando quatro ou cinco áreas sobre as quais gostaria de aprender mais, então escolha uma que ofereça o melhor potencial para produzir um tópico que seja específico e que possa conduzir a boas fontes de dados. Se você está em um curso avançado, é provável que se limite a assuntos que interessem a pessoas de seu campo de estudo, mas sempre é possível encontrar outros, consultando algum livro didático recente, conversando com outro estudante ou com seu professor. Você até pode tentar identificar um interesse que forneça um tópico para um trabalho de outro curso, agora ou no futuro.

Se ainda está confuso, aqui vai uma maneira de garimpar temas: se este é seu primeiro projeto de pesquisa em um curso de redação, procure na sala de leitura de sua biblioteca uma fonte bibliográfica geral ou um índice bibliográfico (discutiremos esses recursos mais detalhadamente no Capítulo 5 e nas "Sugestões úteis" subsequentes). Se você é um estudante avançado, tente encontrar um índice especializado em seu campo de estudo, como, por exemplo, um índice sobre psicologia, sobre filosofia, e assim por diante. Então, coera os olhos pelos títulos até encontrar um que atraia seu interesse. Esse título não só fornecerá um possível tópico, mas também uma lista de fontes.

Se está redigindo seu primeiro relatório de pesquisa em um determinado campo e ainda não definiu um tópico, você poderá ir à biblioteca para descobrir onde estão as melhores fun-

tes a respeito. Se escolher o tópico e, depois de uma busca considerável, descobrir que as fontes são escassas, terá de reconhecer. Ao identificar as áreas com recursos promissores, descobrirá os pontos fortes e fracos de sua biblioteca, o que significa que poderá planejar o projeto atual e os futuros mais cuidadosamente. (Se você está realmente confuso, procure mais orientações em "Sugestões úteis", no final deste capítulo.)

3.3 De um tópico amplo a um específico

A esta altura, você corre o risco de escolher um tópico tão geral quanto o subtítulo de um verbete de enciclopédia: "Voo espacial, história do"; "Shakespeare, peças difíceis de"; "Espécies raras, doutrina das". É provável que um tópico que possa ser definido em menos de quatro ou cinco palavras seja geral demais. Caso encontre-se diante desse tipo de tópico, tente o mais específico:

O livre-arbítrio e a inevitabilidade histórica em *Guerra e Paz*, de Tolstói. → O combate entre o livre-arbítrio e a inevitabilidade histórica na descrição de três batalhas em *Guerra e Paz*, de Tolstói.

A história da aviação comercial. → A contribuição do Exército para o desenvolvimento dos DC-3 nos primeiros anos da aviação comercial.

Restringimos esses tópicos, modificando-os com o acréscimo de palavras e frases. Nos exemplos acima, acrescentamos quatro substantivos especiais: *combate*, *descrição*, *contribuição* e *desenvolvimento*. Esses substantivos são especiais porque cada um deles está relacionado com um verbo: *combater*, *descrever*, *contribuir* e *desenvolver*. A certa altura, você terá de passar de uma frase que designa um tópico – "livre-arbítrio e inevitabilidade histórica em Tolstói", "história da aviação comercial" – para uma frase que estabeleça uma afirmação

potencial. Se você restringir seu tópico usando substantivos derivados de verbos, estará a um passo de uma afirmação que pode ser desafiadora o bastante para despertar o interesse de seus leitores. Compare estes exemplos:

Livre-arbítrio e inevitabilidade histórica em *Guerra e Paz*, de Tolstói. → Há tanto livre-arbítrio quanto inevitabilidade histórica em *Guerra e Paz*, de Tolstói.

O combate entre o livre-arbítrio e a inevitabilidade histórica na descrição de três batalhas em *Guerra e Paz*, de Tolstói. → Tolstói *descreve* três batalhas de um modo que faz o livre-arbítrio *combater* a inevitabilidade histórica.

A história da aviação comercial. → A aviação comercial tem uma história.

A contribuição do Exército no desenvolvimento dos DC-3 nos primeiros anos da aviação comercial. → O Exército *contribuiu* na maneira pela qual os DC-3 se *desenvolveram* nos primeiros anos da aviação comercial.

Essas podem ainda não ser afirmações particularmente interessantes. Mas, uma vez que vai elaborar seu projeto final a partir de uma série delas, você deve, desde o princípio, aproveitar todas as oportunidades para conseguir os tipos de afirmações de que eventualmente precisará.

A vantagem de um tópico específico é que você reconhece mais facilmente os problemas, lacunas e inconsistências que poderá questionar. Isso o ajudará a transformar seu tópico em uma pergunta de pesquisa. (Se seguir nossa sugestão, de começar com um índice ou resumo, seu tópico já será restringido pelo título.)

Cuidado: você pode limitar demais seu tópico quando não consegue encontrar fontes com facilidade.

A história da aviação comercial
 ↓
 O apoio militar ao desenvolvimento dos DC-3 nos primeiros anos da aviação comercial americana
 ↓
 A decisão de prolongar a extensão das asas no protótipo do DC-3 como resultado do desejo militar de usar os DC-3 como transportadores de carga

3.4 De um tópico específico a perguntas

Tendo encontrado um tópico que pareça *tanto* interessante quanto promissor, talvez algo como "origens e desenvolvimento político das lendas sobre a batalha do Forte Álamo", o pesquisador iniciante tipicamente começa a procurar fontes e coletar informações – neste caso, versões da história dos séculos XIX e XX, em livros e filmes mexicanos e americanos. Pode, então, redigir um artigo resumindo as histórias, apontando diferenças e semelhanças, comparando-as com o que os historiadores modernos acham que realmente aconteceu, e concluir:

Portanto, há interessantes diferenças e semelhanças entre...

No primeiro ano de curso, um artigo desses pode ser suficiente para aprovar o aluno, demonstrando que ele consegue se concentrar num tópico, encontrar, reunir e apresentar dados de maneira coerente – uma conquista nada desprezível para um primeiro projeto de pesquisa. Mas, para alguém que deseje que sua pesquisa tenha importância, um resultado desses ainda não será o melhor.

Embora aprenda algo com o exercício de pesquisar e relatar as histórias do Forte Álamo, o autor apresenta apenas informações. Não elabora nenhuma pergunta que tanto ele quanto seus leitores possam achar que vale a pena fazer, e assim não pode apresentar nenhuma resposta significativa o bastante para mudar o que ele ou seus leitores pensam sobre aquelas histórias ou seu desenvolvimento.

Assim que encontrar um tópico para pesquisar, você deve procurar nele perguntas para responder. As perguntas são cruciais, porque o ponto de partida de uma boa pesquisa é sempre o que você não sabe ou entende mas sente que deve conhecer ou entender. Comece erguendo uma barreira de perguntas diante de seu tópico, formulando primeiro as habituais e óbvias de sua área:

As lendas sobre a batalha do Forte Álamo refletem com exatidão nossas melhores relações históricas? Os relatos históricos são contraditórios?

Faça as perguntas-padrão quem, que, quando e onde. Anote suas perguntas, mas não pare para responder a elas.

Você pode organizar suas perguntas de acordo com as quatro perspectivas seguintes:

- 1 – Quais são as partes de seu tópico e a que conjunto maior ele pertence?
- 2 – Qual é a história desse tópico e em que história maior ele se inclui?
- 3 – Que tipos de categorias você encontra no tópico, e a que categorias maiores ele pertence?
- 4 – Até que ponto o tópico é bom? Com que finalidade você pode usá-lo?

(Não se preocupe em fazer as perguntas certas nas categorias certas; as categorias apenas servem para estimular as perguntas.)

3.4.1 Identifique as partes e o todo

• Questione seu tópico de modo a analisá-lo em suas partes componentes e avaliar as relações funcionais entre elas:

Quais são as partes das histórias sobre a batalha do Forte Álamo? Como elas se relacionam entre si? Quem participa das histórias? Como os participantes se relacionam com o lugar, o lugar com a batalha, a batalha com os participantes, os participantes entre si?

- Questione seu tópico de modo que o identifique como um componente funcional num sistema maior:

Como os políticos usaram o episódio? Que papel desempenhou o episódio na história mexicana? Que papel ele desempenha na história americana? Quem contou as histórias? Quem as ouviu? De que maneira as histórias foram afetadas pela nacionalidade de quem as narrou?

3.4.2 Rastreie a história e as mudanças

- Questione seu tópico, tratando-o como uma entidade dinâmica que muda ao longo do tempo, como algo que tenha história própria:

Como a batalha se desenvolveu? Como as histórias se desenvolveram? Como histórias diferentes se desenvolveram de maneira diferente? Como as versões mudaram? Como os contadores das histórias mudaram? Como mudaram os motivos para contar as histórias? Quem contou as histórias primeiro? Quem as contou depois? Quem as leu e ouviu primeiro? Quem as leu e ouviu depois?

- Questione seu tópico de modo que o identifique como um episódio em uma história maior:

O que causou a batalha, as histórias? O que a batalha e as histórias causaram então? Como as histórias encontram-se numa sequência histórica? O que mais estava acontecendo quando as histórias surgiram? Quando elas mudaram? Que forças fizeram as histórias mudar?

3.4.3 Identifique categorias e características

- Questione seu tópico de maneira que defina a extensão de sua variação, o modo como as situações são parecidas e diferentes entre si:

Qual é a história mais típica? Como as outras histórias diferem dela? Qual é a mais diferente? De que modo as histórias orais e escritas diferem das versões de cinema? Em que as histórias mexicanas são diferentes das americanas?

- Questione seu tópico de modo que o localize em uma categoria maior de tópicos semelhantes:

Que outras histórias da história americana assemelham-se à da batalha do Forte Alamo? Que outras histórias são muito diferentes? Que outras sociedades têm os mesmos tipos de histórias?

3.4.4 Determine o valor

- Questione seu tópico quanto a sua utilidade:

As histórias são boas? Que uso já se fez delas? Ajudaram as pessoas? Prejudicaram-nas?

- Questione seu tópico quanto à importância relativa de suas partes e características:

Algumas histórias são melhores que outras? Qual versão é a melhor? Qual é a pior? Quais partes são as mais precisas? Quais são menos?

3.4.5 Revise e reorganize suas respostas

Ao terminar as perguntas, agrupe-as de maneiras diferentes. No exemplo do Forte Alamo, algumas perguntas relacionam-se com o desenvolvimento das histórias; outras referem-se a sua qualidade como fato ou ficção; outras destacam diferenças entre as versões (dos séculos XIX e XX, mexicanas e americanas, escritas e filmadas); outras perguntas abordam assuntos políticos, e assim por diante. Essas listas podem fornecer uma por-

ção de tópicos de pesquisa. Se forem independentes o bastante, poderão abrir universos de pesquisa, num efeito estimulante.

O próximo passo requer um julgamento mais cuidadoso. Em primeiro lugar, identifique as perguntas que precisam de uma resposta com mais de uma ou duas palavras. Perguntas que começam com *quem*, *que*, *quando* ou *onde* são importantes, mas tratam apenas de fatos reais. De mais importância a perguntas que começam com *como* e *por que*. Estas, neste quase são as que o deflâm por um momento, que o provocam, despertando um interesse especial. A essa altura, é claro, você não pode ter certeza de nada. Suas respostas talvez revelem-se menos surpreendentes do que você esperava, mas sua tarefa agora é apenas formular algumas perguntas cujas respostas possam ser tanto plausíveis quanto interessantes.

Depois de ter feito tudo isso, você terá dado seu primeiro grande passo num projeto que será mais do que apenas uma coleta de dados. Terá identificado algo que não sabe, mas que quer saber, e é o que você quer saber que o levará aos primeiros estágios de sua pesquisa. Você está pronto para reunir dados, um processo que explicaremos no Capítulo 5. No entanto, embora você já possa começar a reuni-los, o processo de definir seu projeto ainda não está completo.

3.5 De uma pergunta à avaliação de sua importância

Mesmo que você seja um pesquisador experiente, talvez não esteja apto a dar o próximo passo até o projeto estar bem adiantado, ou mesmo perto do fim. E, se você for um pesquisador iniciante, poderá achar esse passo especialmente frustrante. Assim que encontrar uma pergunta, você precisa formular outra e tentar responder: *E daí?*

É daí se eu não sei ou não entendo como os gansos sabem para onde voar no inverno, por que o Titanic foi tão mal projetado, como os estadistas do século 17 afirmaram seus interesses, por que os navios costumam naufragar sobre o Furo de Alamo e os mexicanos outros? E daí?

Essa pergunta embarça a todos os pesquisadores, principiantes e experientes, porque, para responder a ela, é preciso saber até que ponto a pesquisa é importante, não apenas para o pesquisador, mas para outras pessoas. Em vez de fazer essa pergunta diretamente, no entanto, você se aproximará mais da resposta se procurá-la em etapas.

3.5.1 Passo 1: especifique seu tópico

Nos estágios iniciais de um projeto de pesquisa, quando você tem apenas um tópico e talvez os primeiros lampejos de algumas perguntas boas, tente descrever seu trabalho em uma frase como esta:

Estou aprendendo sobre/trabalhando em/estudando _____.

Proteja o espaço em branco com algumas frases nominativas. Inclua um ou dois daqueles substantivos que podem ser convertidos em um verbo ou adjetivo.

Estou estudando processos de reparo em sistemas de refrigeração.

Estou trabalhando na motivação dos primeiros discursos do presidente Roosevelt.

3.5.2 Passo 2: escolha uma pergunta

O mais cedo que puder, tente descrever seu trabalho com maior exatidão, acrescentando à frase uma pergunta indireta que especifique algo a respeito de seu tópico, que você não sabe ou que não entende perfeitamente, mas que quer saber ou entender:

Estou estudando X porque quero descobrir quem/ó que/ quando/onde/se/por que/como _____.

Agora você deve preencher o novo espaço em branco com um sujeito e um verbo:

Estou estudando processos de reparos em sistemas de refrigeração, porque estou tentando descobrir como os especialistas nesses reparos analisam suas falhas.

Estou trabalhando na motivação dos primeiros discursos de Roosevelt, porque quero descobrir se os presidentes, desde os anos 30, usaram esses discursos para anunciar novas políticas.

Quando puder acrescentar uma oração do tipo *porque-quero-descobrir-como/por que*, você terá definido seu tópico e sua razão para investigá-lo. Se estiver trabalhando em um de seus primeiros artigos e chegou até aqui, parabéns, pois definiu seu projeto de um modo que vai além de uma coleção aleatória de informações.

3.5.3 Passo 3: motive a pergunta

Há, no entanto, mais uma etapa a ser cumprida. É uma etapa difícil, mas, se puder superá-la, você transformará seu projeto em algo que não apenas interessará a você, como poderá conquistar o interesse de outros, um projeto que explica com lógica por que sua pergunta é importante. Para tanto, você deve acrescentar um elemento que explique por que está fazendo a pergunta e o que pretende obter com a resposta.

Na Etapa 3, você acrescenta uma segunda pergunta indireta, iniciada por: *a fim de entender como, por que, ou se*:

- 1 – Estou estudando os processos de reparos em sistemas de refrigeração,
- 2 – porque quero descobrir como os especialistas nesses reparos analisam suas falhas,
- 3 – a fim de entender como projetar um sistema computadorizado que possa diagnosticar e prevenir essas falhas,

- 1 – Estou trabalhando na motivação dos primeiros discursos de Roosevelt,
- 2 – porque quero descobrir se os presidentes a partir dos anos 30 usaram esses discursos para anunciar novas políticas,
- 3 – a fim de entender como a fomentação do apoio popular à política nacional mudou na era da televisão.

Reunidas, as três etapas ficam assim:

- 1 – *Especifique seu tópico:*
Estou estudando _____.
- 2 – *Formule sua pergunta:*
porque quero descobrir quem/como/por que _____.
- 3 – *Estabeleça o fundamento lógico para a pergunta e o projeto:*
para entender como/por que/o que _____.

Raramente um pesquisador consegue seguir esse modelo antes de começar a reunir informações. Na verdade, a maioria não consegue completá-lo até que tenha quase acabado o trabalho. Muitos, infelizmente, publicam seus resultados sem ter nem sequer pensado nessas etapas.

Embora no começo de seu projeto você não seja capaz de passar por todas essas etapas, é uma boa ideia testar seu progresso de vez em quando, vendo o quanto você pode avançar nesse sentido. Melhor ainda, peça a alguém – colega, parente ou amigo – para forçá-lo a seguir essa seqüência. A evolução de sua descrição o ajudará a manter-se informado sobre sua posição atual e a concentrar-se no rumo que precisa tomar.

Podem ser que na primeira tentativa de pesquisa não seja possível encontrar uma pergunta cuja resposta tenha muita importância para alguém, a não ser você mesmo. Mas só pelo fato de fazê-la você já irá agradar seu professor. À medida que avançar com seu projeto, entretanto, faça o possível para seguir o

modelo; tente encontrar uma razão para fazer sua pergunta, uma maneira de tornar sua resposta *importante* para você, talvez até mesmo para os outros.

Lembre-se de que seu objetivo final é explicar:

- * o que está escrevendo – seu tópico.
- * o que você não sabe sobre ele – sua pergunta.
- * por que você quer saber sobre ele – seu fundamento lógico.

Quando puder alcançar esses três objetivos, você terá definido um motivo para seu projeto que vai além de simplesmente atender a uma exigência. Você saberá que tem um projeto de pesquisa *avanzado* quando o que vem depois do *a fim de entender* é importante não só para você, mas também para seus leitores.

É quando começamos a pensar em nossos leitores que temos de mudar os termos de nosso projeto: de propor uma pergunta e responder a ela, mudamos para propor e resolver um problema, o assunto de nosso próximo capítulo.

Sugestões úteis:

Descobrimo tópicos

Se você for um pesquisador *avanzado*, é bem provável que não precise procurar tópicos para pesquisar. Pode concentrar-se nas pesquisas existentes em sua área, as quais poderá encontrar sem dificuldade, correndo os olhos por artigos recentes e ensaios e, caso estejam disponíveis, dissertações recentes, em especial as sugestões de pesquisas futuras incluídas em suas conclusões. Se você for menos *avanzado*, seu professor ainda esperará que focalize tópicos de sua área, embora não num estágio muito adiantado. A maior parte dos professores designará tópicos para serem escolhidos ou, pelo menos, indicará o tipo de tópicos a serem considerados.

As vezes, no entanto, você precisará encontrar tópicos por conta própria e, se estiver numa classe de redação de primeiro ano, terá de procurar bons tópicos sem nem mesmo contar com um campo específico em que concentrar seus esforços. Se você precisa encontrar seu próprio tópico e lhe "deu um branco", experimente examinar as seguintes fontes:

Tópicos focalizados num determinado campo de estudo

- 1 – Consulte um livro didático de um curso um nível acima do seu, ou de um curso que você sabe que terá de fazer no futuro. Não negligencie as questões de estudo.
- 2 – Assista a uma conferência pública sobre sua área e preste atenção para encontrar algo de que discorda, que não entende ou sobre o que deseja aprender mais.
- 3 – Leia os títulos de tópicos em bibliografias especializadas e resumos.
- 4 – Folheie uma *Enciclopédia de...* específica do campo que esteja estudando.

5 – Pergunte ao seu orientador quais são as questões mais polêmicas em sua área.

6 – Se você tem acesso à Internet, procure uma “lista” especializada que o interesse e “observe” (leia as mensagens enviadas por outros) até encontrar temas discutidos.

Tópicos gerais

1 – Pense em um assunto que o interesse de maneira especial – intismo, ginástica, xadrez, trabalho voluntário, dança moderna – e investigue suas origens ou como é sua prática em outras culturas.

2 – Investigue um aspecto específico de um país que gostaria de visitar.

3 – Ande por um museu de qualquer espécie – arte, história natural, automóveis – até pegar-se observando alguma coisa com grande interesse. O que mais você gostaria de saber sobre essa coisa?

4 – Vagueie por um grande *shopping center* ou loja de departamentos, perguntando-se: “Como é que eles fazem isso?” ou “Gostaria de saber quem criou esse produto?”.

5 – Folheie seu jornal de domingo, especialmente as seções de artigos e reportagens, até se ver puxado para ler algo. Se for o caso, dê uma olhada nos artigos de fundo e na seção de livros.

6 – Vá a uma banca de revistas e olhe algumas, folheando. Compre uma revista que lhe pareça técnica e interessante. Procure especialmente revistas de negócios ou as que atendam a interesses altamente especializados.

7 – Folheie as revistas populares, comuns em salas de espera, como a *Seleções do Reader's Digest*, e procure um artigo com alguma afirmação importante sobre saúde, sociedade ou relações humanas e que se baseie em alguma alegada “evidência”. Descubra se é verdade.

8 – Preste atenção a programas de entrevistas na televisão ou no rádio, até ouvir um argumento de que discorda. Então,

pergunte-se se conseguiria encontrar informações suficientes para refutá-lo.

9 – Lembre-se da última vez em que discutiu acaloradamente sobre algum assunto importante e saiu frustrado porque não tinha os fatos de que precisava.

10 – Pense em algo em que você acredita, mas a maioria das pessoas, não. Então, pergunte-se se é o tipo de assunto sobre o qual poderia encontrar suficientes provas para convencer alguém.

11 – Pense em algumas crenças comuns, que todo o mundo tem como certas, mas que poderiam não ser, tal como a afirmação de que os esquimós têm um grande número de palavras para referir-se à neve, ou que um dos sexos é naturalmente melhor em algo do que o outro.

12 – Corra os olhos pelos títulos de bibliografias gerais.

13 – Pense em uma controvérsia popular que uma pesquisa poderia ajudar a esclarecer.

14 – Reúna-se com cinco ou seis amigos e entreguem-se todos a uma reflexão sobre o que mais gostariam de saber.

4.1 Problemas, problemas, problemas

Há, entretanto, um último passo, que é difícil até mesmo para pesquisadores experientes. Você precisa convencer seus leitores de que a resposta a sua pergunta é importante não só para você, mas para eles também. Precisa transformar seu motivo para descobrir em motivo para *demonstrar* e, mais importante ainda, transformar o motivo para entender em motivo para *explicar e convencer*.

Este último passo faz tropeçar até mesmo os pesquisadores mais experientes, porque eles costumam pensar que cumpriram sua obrigação simplesmente propondo uma pergunta de seu interesse e respondendo a ela. Estão apenas parcialmente certos: sua resposta também deve ser a solução para um *problema de pesquisa* que tenha importância para outras pessoas, seja porque elas já o considerem importante, ou, o que é mais provável, porque podem ser convencidas a considerá-lo assim. O que o qualifica como um pesquisador do mais alto nível é a capacidade de converter uma pergunta em um problema cuja solução seja importante para sua comunidade de pesquisa. O truque é informar essa importância. Para entender como fazer isso, você precisa entender mais exatamente o que queremos dizer com um "problema" de pesquisa.

4.1.1 Problemas práticos e problemas de pesquisa

A maioria das pesquisas comuns começa não pela descoberta de um tópico, mas tipicamente pelo confronto com um problema com que alguém deparou, um problema que, deixado sem solução, causará transtorno. Ao se defrontar com um problema prático, cuja solução não fica imediatamente óbvia, você normalmente faz uma pergunta cuja resposta supostamente irá ajudá-lo a resolver o problema. Mas, para achar essa resposta, precisa propor e resolver um problema de outro tipo, um problema de pesquisa definido pelo que você não sabe ou não entende, mas sente que deve saber ou entender. O processo é mais ou menos o seguinte:



PROBLEMA PRÁTICO: O freio do meu carro começou a pinçar.
PERGUNTA DE PESQUISA: Como posso consertá-lo imediatamente?
PROBLEMA DE PESQUISA: Preciso encontrar, nas *Páginas amarelas*, uma oficina perto daqui.
RESPOSTA DE PESQUISA: The Car Shoppe, 1401 East 55th St.
APLICAÇÃO SOBRE O PROBLEMA PRÁTICO: Telefonar para saber quando podem consertar.

Trata-se de um padrão comum em todos os setores de nossa vida:

- Quero impressionar uma empregadora em potencial. *Como encontro um bom restaurante?* Procuro num guia da cidade. *Woodlawn Tap.* Levo a pessoa lá e espero que ela pense que tenho estilo.
- O Clube Nacional de Tiro me pressionou para que eu me oponha ao controle de posse de armas. *Sairá perdendo se não concordar?* Faço uma consulta às minhas bases. *Meus correligionários apóiam o controle de posse de armas.* Agora decido se rejeito, ou não, o pedido do CNT.
- Os custos sobiram na fábrica de Omaha. *O que mudou?* Comparo o número de funcionários, antes e depois. *Está havendo*

4.1 Problemas, problemas, problemas

Há, entretanto, um último passo, que é difícil até mesmo para pesquisadores experientes. Você precisa convencer seus leitores de que a resposta a sua pergunta é importante não só para você, mas para *eles* também. Precisa transformar seu motivo para descobrir em motivo para *demonstrar* e, mais importante ainda, transformar o motivo para entender em motivo para *explicar e convencer*.

Este último passo faz tropeçar até mesmo os pesquisadores mais experientes, porque eles costumam pensar que cumpriram sua obrigação simplesmente propondo uma pergunta de seu interesse e respondendo a ela. Estão apenas parcialmente certos: sua resposta também deve ser a solução para um *problema de pesquisa* que tenha importância para outras pessoas, seja porque elas já o considerem importante, ou, o que é mais provável, porque podem ser convencidas a considerá-lo assim. O que o qualifica como um pesquisador de mais alto nível é a capacidade de converter uma pergunta em um problema cuja solução seja importante para sua comunidade de pesquisa. O truque é informar essa importância. Para entender como fazer isso, você precisa entender mais exatamente o que queremos dizer com um "problema" de pesquisa.

4.1.1 Problemas práticos e problemas de pesquisa

A maioria das pesquisas comuns começa não pela descoberta de um tópico, mas tipicamente pelo confronto com um problema com que alguém deparou, um problema que, deixado sem solução, causará transtorno. Ao se defrontar com um problema prático, cuja solução não fica imediatamente óbvia, você normalmente faz uma pergunta cuja resposta supostamente irá ajudá-lo a resolver o problema. Mas, para achar essa resposta, precisa propor e resolver um problema de outro tipo, um problema de pesquisa definido pelo que você não sabe ou não entende, mas sente que deve saber ou entender. O processo é mais ou menos o seguinte:



PROBLEMA PRÁTICO: O freio do meu carro começou a girar.
PERGUNTA DE PESQUISA: Como posso consertá-lo imediatamente?
PROBLEMA DE PESQUISA: Preciso encontrar, nas *Páginas amarelas*, uma oficina perto daqui.
RESPOSTA DE PESQUISA: The Car Shoppe, 1401 East 55th St.
APLICAÇÃO SOBRE O PROBLEMA PRÁTICO: Telefonar para saber quem pode consertar.

Trata-se de um padrão comum em todos os setores de nossa vida:

- Quero impressionar uma empregadora em potencial. *Como encontro um bom restaurante?* Procuro num guia da cidade. *Woodlawn Tap.* Levo a pessoa lá e espero que ela pense que tenho estilo.
- O Clube Nacional de Tiro me pressiona para que eu me oponha ao controle de posse de armas. *Suivê perdendo se não concordar?* Faço uma consulta às minhas bases. Meus *cor-religionários* apóiam o controle de posse de armas. Agora decido se rejeito, ou não, o pedido do CNT.
- Os custos subiram na fábrica de Omaha. *O que mudou?* Comparo o número de funcionários, antes e depois. *Está havendo*

do maior rentabilidade. Se melhorarmos o treinamento e os incentivos, nossos trabalhadores ficarão conosco. Certo, vamos ver se conseguimos fazê-lo.

Para a maioria desses problemas, não apresentamos as soluções por escrito, mas normalmente temos de fazê-lo quando queremos convencer os outros de que resolvemos um problema importante para eles:

Para o presidente da empresa: Os custos estão altos na fábrica de Omaha porque os funcionários não vêem futuro no emprego e depois de alguns meses pedem demissão. É preciso treinar novos contratados, o que sai caro. Para reter os trabalhadores, devemos aprimorar suas habilidades, assim eles vão querer ficar.

Antes de resolver o problema *prático* do aumento de custos, no entanto, alguém teve de resolver um problema *de pesquisa* definido pelo fato de não se saber por que os custos estavam subindo.

4.1.2 Distinguindo problemas práticos de problemas de pesquisa

Essa distinção entre problemas práticos, pragmáticos e de pesquisa pode parecer muito sutil, mas é decisiva:

- Um problema *prático* origina-se na realidade e requer um custo em dinheiro, tempo, felicidade, etc. Você resolve um problema *prático* mudando algo na realidade, fazendo alguma coisa.

Mas, antes de resolver um problema *prático*, você pode precisar propor e resolver um problema *de pesquisa*.

- Um problema *de pesquisa* origina-se na mente, a partir de um conhecimento incompleto ou uma compreensão falha. Você pode propor um problema *de pesquisa* porque precisa resolver um problema *prático*, mas não resolve um problema *prático* apenas resolvendo um problema *de pesquisa*. Pode-se aplicar a solução de um problema *de pesquisa* à solução de um problema *prático*, mas não é mudando alguma coisa na

realidade que se resolve o problema *de pesquisa*, e sim aprendendo mais sobre um assunto ou entendendo-o melhor.

A maioria dos pesquisadores médicos, por exemplo, acredita que, antes de poder resolver o problema *prático* da epidemia de AIDS, precisa resolver no laboratório um problema *de pesquisa* proposto pelo complicado mecanismo do vírus. Mas, mesmo se os pesquisadores médicos solucionarem esse problema *de pesquisa*, descobrindo o mecanismo, os governos ainda terão de achar um modo de aplicar a solução ao problema *prático* da AIDS na sociedade.

"Problema", portanto, tem um significado especial no mundo da pesquisa, que às vezes confunde os pesquisadores iniciantes, que normalmente pensam em problemas como coisas "ruins". Todo pesquisador precisa de um "bom" problema *de pesquisa* em que trabalhar. Na verdade, se você não tem um bom problema *de pesquisa*, tem um problema *prático* realmente ruim.

4.1.3 Distinguindo problemas de tópicos

Há um segundo motivo pelo qual esse conceito de "problema" representa uma dificuldade para pesquisadores iniciantes e até mesmo intermediários. Os pesquisadores experientes costumam comentar seu problema *de pesquisa* de um modo resumido que parece defini-lo apenas como um tópico: *Estou trabalhando com sarilho em adultos, ou em antigos vasos astecas, ou nos chamados de acasalamento dos alces do Wyoming.*

Como resultado, muitos pesquisadores iniciantes confundem ter um *tópico* para investigar com ter um *problema de pesquisa* para resolver. Sem o enfoque proporcionado pela busca de solução para um problema *de pesquisa* bem definida, eles simplesmente continuam reunindo um número cada vez maior de dados, sem saber quando parar. Então, esforçam-se para encontrar uma regra de procedimento que os ajude a decidir o que incluir e o que não incluir no relatório, e por fim simplesmente colocam tudo o que encontraram. Depois sentem-

se frustrados, quando um leitor comenta: *Não vejo qual é a questão, isto não para de um amontoado de dados.*

Você se arrisca a desperdiçar o tempo de seus leitores, se não conseguir distinguir entre um *tópico* para investigar e um *problema* de pesquisa para resolver. No restante deste capítulo, explicaremos o que é um problema, tanto do ponto de vista acadêmico como não acadêmico. Voltaremos aos problemas no Capítulo 15, em que explicaremos como apresentar seu problema de pesquisa na introdução de seu trabalho.

4.2 A estrutura comum dos problemas

Distinguimos problemas pragmáticos e problemas de pesquisa, mas eles têm a mesma estrutura básica. Ambos consistem de dois elementos:

- 1) uma determinada situação ou condição e
- 2) consequências indesejáveis, *crises* que você não quer pagar.

4.2.1 Problemas práticos

Um pneu furado normalmente é um problema prático, porque 1) trata-se de uma condição real que 2) pode representar um custo palpável – por exemplo, a perda de um compromisso para jantar. Mas suponha que seu companheiro de jantar intimou-o a aceitar o compromisso e que você preferiria estar em qualquer outro lugar, menos lá. Nesse caso, o pneu furado não representa um custo, porque agora você considera a perda do jantar um benefício. Na verdade, o pneu furado já não é parte de um problema, mas de uma solução.

Assim, quando você pensar que encontrou um problema, certifique-se de que pode identificar e descrever a situação como contendo estas duas partes:

- uma condição que precisa ser solucionada

CONDIÇÃO: Perdi o ônibus.

O buraco na camada de ozônio está aumentando.

- *crises* dessa condição com as quais você não quer arcar

CUSTO: Posso perder o emprego por chegar atrasado.
Muitas pessoas morrerão de câncer de pele.

Você sempre pode expressar de forma positiva os custos negativos, como um benefício que soluciona a condição:

BENEFÍCIO: Se conseguir pegar o ônibus, salvarei meu emprego.

Se fechamos o buraco na camada de ozônio, salvaremos muitas vidas.

Quanto maiores as consequências da condição – os custos de não resolvê-la, ou os benefícios de solucioná-la –, mais *importante* o problema.

Para um problema prático, palpável, a condição pode ser literalmente qualquer coisa, até mesmo um aparente golpe de sorte, se isso tiver um custo: *Você ganhou o prêmio da loteria.* Isso poderia não parecer um problema, mas e se você devesse cinco milhões a um agiota, e seu nome saísse no jornal? Ganhar na loteria poderia custar mais do que você receberia: alguém o descobre, pega seu dinheiro e ainda quebra sua perna.

4.2.2 Problemas de pesquisa

Um problema prático e um problema de pesquisa têm a mesma estrutura, mas diferem em dois pontos importantes.

Condições. Enquanto a condição de um problema prático pode ser qualquer situação, a condição de um problema de pesquisa é sempre definida por uma série bastante reduzida de conceitos. É sempre uma versão do seu *não saber* ou *não com-*

prender algo que o pesquisador acha que ele e seus leitores deveriam saber ou entender melhor.

É por isso que no Capítulo 3 enfatizamos o valor das perguntas. Boas perguntas são o primeiro passo para definir seu problema de pesquisa, porque implicam o que você e seus leitores não sabem ou não entendem mas deveriam: *Que papel a genética desempenha no câncer? Que influência os icebergs têm sobre o clima? De que modo as epopéias latinas influenciaram a poesia inglesa arcaica? Até que ponto a pena de morte reduz os assassínios?*

Custos. A segunda diferença é mais difícil de detectar: É que as consequências de um problema de pesquisa podem, de imediato, não ter nada a ver com a realidade. O custo ou benefício *imediatos* de um problema de pesquisa são sempre uma ignorância ou incompreensão adicionais que são *mais* significativas, mais conseqüentes que a ignorância ou a incompreensão que definiram a condição.

Essa idéia de custo é fácil de entender em um problema prático, porque seus custos são normalmente palpáveis – dor e sofrimento, perda de dinheiro, oportunidades, felicidade, reputação, e assim por diante. Os custos de um problema de pesquisa, no entanto, são que ficamos sem saber ou entender alguma coisa. É por isso que o problema representado pela visita do agiota parece mais fácil de entender do que o problema de não conhecer a influência do latim na poesia inglesa arcaica. Os custos do primeiro são mais palpáveis que os do segundo. Mas não entender a influência do latim na poesia inglesa arcaica também tem custos. Se não entendermos essa influência, não entenderemos *algo ainda mais significativo* – o que um poema importante, ainda que enigmático, poderia significar, o que os poetas ingleses arcaicos sabiam e não sabiam sobre outras literaturas, por que a poesia inglesa arcaica é do modo que é.

Um pesquisador avançado precisa mostrar que, por não saber ou entender uma coisa, não pode saber ou entender algo ainda *mais importante*. Precisa responder à pergunta: *E daí?*

E daí se eu nunca entender o papel da genética no câncer, por que os gatos esfregam o focinho na gente, como eram cons-

truídas as pontes na Grécia Antiga? Se eu nunca descobrir, o que isso custará ao meu conhecimento ou compreensão mais amplos?

Em resumo, você não terá nenhum problema de pesquisa até conhecer o custo de sua falta de conhecimento ou compreensão, um custo que você define em termos de uma ignorância ou uma incompreensão ainda maiores.

4.2.3 Quando um problema de pesquisa é motivado por um problema prático

É mais fácil identificar os custos e benefícios de um problema de pesquisa quando ele é motivado por um problema prático:

E daí se não soubermos por que os custos estão subindo na fábrica de Oshwa? Vamos falar.

E daí se não entendermos o papel da genética no câncer? Até que entendamos, não sabemos se podemos identificar os genes que nos propõem ao câncer, quando a doença pode ser prevenida, ou até mesmo curada.

O custo de não saber o papel da genética no câncer é que não entendemos sua causa. Ou, convertendo isso em forma de benefício, talvez só poderemos curar o câncer quando entendermos o papel desempenhado pela genética. Agora reconhecemos imediatamente os custos adicionais de nossa ignorância e os benefícios de vencê-la, porque uma solução para o problema de pesquisa aponta para uma solução para o problema prático.

Mas como as histórias sobre o Forte Alamo ou a estética da tapeçaria tibetana podem fazer parte de um importante problema de pesquisa? Vemos uma condição bastante clara: conhecimento incompleto. Com que custos teremos de arcar se continuarmos com um conhecimento incompleto?

E daí se não sabemos sobre a evolução do sistema de entomamento medieval, ou o ciclo de vida de uma orquídea rara

do interior da Nova Guiné? Qual será o custo, se nunca descobriremos? Ou o benefício, se o descobriremos? Bem, deixe-me pensar...

É nesse momento que os pesquisadores invocam a idéia da "pesquisa pura" em vez da "pesquisa aplicada".

**Problemas práticos versus problemas de pesquisa:
Um típico engano de principiante**

Um problema prático, com suas condições e custos palpáveis, é mais fácil de entender, para os pesquisadores iniciantes, além de mais interessante de estudar, de modo que esses pesquisadores geralmente não tentam escolher como típico um problema palpável da realidade — a chuva ácida, os semelões, ou a vida como ponto de partida. Mas o pesquisador amador se a cometer um engano quando transforma um problema real no problema que tentará resolver em sua pesquisa. Nenhum artigo de pesquisa poderá resolver o problema da chuva ácida, mas um bom pesquisador pode nos proporcionar o conhecimento necessário que nos ajudará a resolvê-lo. Problemas de pesquisa envolvem apenas o que não sabemos ou não entendemos plenamente. Portanto, redija seu artigo, não para resolver o problema da chuva ácida, mas para resolver o problema de que há algo sobre a chuva ácida que não sabemos ou não compreendemos, alguma coisa que precisamos conhecer, antes de podermos lidar com ela.

4.3.4 Distinguindo a pesquisa "pura" da "aplicada"

Em muitos textos acadêmicos, não tentamos explicar o custo de nossa ignorância, mostrando como nossa pesquisa melhorará o mundo. Em vez disso, mostramos como, por não saber ou entender uma coisa, nós e nossos leitores não podemos entender um assunto maior e mais importante que desejamos entender e compreender melhor. Quando a solução de um problema de pesquisa não tem nenhuma aplicação aparente em um problema prático, mas apenas satisfaz o interesse erudito de uma comunidade de pesquisadores, chamamos essa pesquisa de "pura" em vez de "aplicada".

Por exemplo, nenhum destes três autores sabe quantas estrelas há no céu (ou quanta "matéria escura") e, francamente, não nos sentimos mal por não saber. Não faria mal saber, mas não podemos imaginar o custo de nunca descobriremos, ou mesmo o benefício, se descobrissemos. Assim, para nós, não saber não é nenhum problema.

Mas, para os astrônomos, a ignorância deles a respeito disso é parte de um problema de pesquisa "puro", de grande significado para eles. Até conhecerem aquela quantidade, não poderão calcular outra, muito mais importante — a massa total do universo. Se pudessem calcular essa massa, poderiam descobrir algo *mais importante ainda*: se o universo continuará a expandir-se até se dissolver, transformando-se em nada, ou se encolherá, explodindo na criação de um novo universo, ou permanecerá estável eternamente. Conhecer o número de estrelas no céu pode não ajudar a resolver nenhum problema palpável na realidade, mas, para esses astrônomos (e talvez alguns teólogos), esse número representa uma lacuna em seu conhecimento, cujo custo é alto; impede que eles compreendam algo mais importante — o futuro do universo. (É claro que, se você tem interesse em saber se o universo tem futuro, então talvez entenda como não saber quantas estrelas há no céu pode ser parte de um problema para você também.)

Podemos perceber se um problema é de pesquisa pura ou aplicada observando a última das três etapas para a definição de seu projeto:

Problema de pesquisa pura:

- 1 — *Tópico*: Estou estudando a densidade da luz e outras radiações eletromagnéticas em um pequeno setor do universo.
- 2 — *Indagação*: porque quero descobrir quantas estrelas há no céu.
- 3 — *Exposição de motivos*: a fim de entender se o universo se expandirá para sempre ou se contrairá, causando um novo Big Bang.

Este é um problema de pesquisa, porque a pergunta (passo 2) implica que não sabemos algo. Este é um problema de pesquisa *puro*, porque seu fundamento lógico (passo 3) implica não algo que faremos, mas algo que não sabemos mas devemos saber.

Em um problema de pesquisa *aplicada*, a pergunta ainda implica algo que queremos saber, mas o fundamento lógico no passo 3 implica algo que queremos ou precisamos fazer:

Problema de pesquisa aplicada:

- 1 - *Tópico*: Estar estudando a diferença entre as leituras do telescópio Hubble, em órbita acima da atmosfera, e leituras das mesmas estrelas pelos melhores telescópios da superfície terrestre.
- 2 - *Indagação*: porque quero descobrir quanto a atmosfera distorce as medidas da luz e de outras radiações eletromagnéticas.
- 3 - *Exposição de motivos*: a fim de medir com maior precisão a densidade da luz e de outras radiações eletromagnéticas num pequeno setor do universo.

4.2.5 Seu problema é puro ou aplicado?

Você distingue um problema puro de pesquisa de um aplicado pelas consequências que define na declaração de seu fundamento lógico (passo 3). Na pesquisa pura, as consequências são conceituais, e o fundamento lógico define o que você quer saber; na pesquisa aplicada, as consequências são palpáveis, e o fundamento lógico define o que você quer fazer.

Talvez um dos maiores motivos pelo qual os principiantes têm dificuldade em pegar o jeito da pesquisa pura é que seus custos são intrinsecamente conceituais, e assim parece-lhes menos provável curar o câncer do que contar estrelas. Achando que suas descobertas não são assim tão boas, tentam aplicar a solução de um problema de pesquisa na solução de um problema prático.

Se conseguirmos entender como os políticos usam as histórias sobre o Forte Alamo para moldar a opinião pública no século XIX, poderemos, nos dias de hoje, nos proteger de políticos inescrupulosos e ser eleitores melhores.

- 1 - *Tópico*: estou estudando as diferenças entre as várias versões da história do Forte Alamo no século
- 2 - *Indagação*: porque quero descobrir como os políticos usam as histórias de grandes eventos para moldar a opinião pública.
- 3 - *Exposição de motivos*: a fim de ajudar as pessoas a se protegerem dos políticos inescrupulosos e tornarem-se eleitores melhores.

Em algumas áreas, essa é uma estratégia respeitável, alguns diriam até preferível. Mas, em nosso exemplo, é improvável que o autor convença muitos leitores de que sua pesquisa sobre as histórias do Forte Alamo poderia contribuir de fato para melhorar a democracia.

Para formular um eficaz problema de pesquisa aplicado, você precisa mostrar que os motivos expostos no passo 3 estão plausivelmente ligados à indagação especificada no passo 2. Testa-se isso recuando no trabalho a partir da exposição de motivos. Faça a seguinte pergunta:

- a) Se meus leitores quisessem atingir o objetivo de [enuncie seu objetivo do Passo 3].
 - b) achariam que a maneira de fazer isso seria descobrir [formule aqui sua pergunta do Passo 2]?
- Quanto maior for a possibilidade de seus leitores responderem "sim", mais eficazmente você terá formulado o problema aplicado.

Experimente esse teste no problema aplicado de astronomia:

- a) Se meus leitores quisessem medir com maior precisão a densidade de radiação eletromagnética em um setor do universo,
- b) pensariam que a maneira de fazê-lo seria descobrir até que ponto a atmosfera distorce suas medidas?

Considerando que os astrónomos têm décadas de dados valiosos coletados por telescópios altamente poderosos localizados em terra, a resposta talvez fosse *sim*, pois, se pudessem descobrir quanto a atmosfera distorce as leituras, poderiam ajustar todos os seus dados de acordo com isso.

Agora experimente o teste no problema do Forte Álamo:

a) *Se seus leitores quiserem atingir o objetivo de ajudar as pessoas a se protegerem de políticos inescrupulosos e serem eleitores melhores,*

b) *pensar que uma boa maneira de fazê-lo seria descobrir como os políticos do século XIX usavam as histórias de grandes eventos para moldar a opinião pública?*

Nesse caso, os leitores teriam mais dificuldade em ver uma ligação entre o objetivo e a pesquisa. Um pesquisador que quisesse ajudar os eleitores a se protegerem poderia pensar em outros procedimentos, antes de se voltar para as histórias do século XIX sobre o Forte Álamo.

Um leitor pode pensar que a pergunta a seguir define um bom problema de pesquisa, mas um problema puro um vez de aplicado:

- 1 – *Típico*: estou estudando as diferenças entre as versões do século XIX sobre a história do Forte Álamo.
- 2 – *Indagação*: porque quero descobrir como os políticos usam as histórias de grandes eventos para moldar a opinião pública.
- 3 – *Exposição de motivos*: a fim de mostrar como os políticos usavam elementos da cultura popular para favorecer seus objetivos políticos.

No centro da maioria das pesquisas de ciências humanas e em muitas de ciências naturais e ciências sociais encontram-se indagações cujas respostas não têm nenhuma aplicação direta na vida diária. Na verdade, em muitas disciplinas tradicionais, os pesquisadores valorizam mais a pesquisa pura do que a pesquisa aplicada – como sugere a palavra “pura”. Eles buscam o conhecimento “pelo conhecimento”, refletindo a mais elevada

vocação da humanidade – saber mais e entender melhor – não por dinheiro ou poder, mas pelo bem que o conhecimento pode proporcionar.

Se você propusesse uma pergunta de pesquisa pura como se pudesse aplicar a resposta diretamente a um problema prático, seus leitores poderiam considerá-lo ingênuo. Quando propor uma pergunta dessas e quiser discutir as consequências concretas de sua resposta, formule seu problema como o problema de pesquisa pura que ele realmente é, então acrescente a ele um possível significado adicional:

- 1 – *Típico*: estou estudando as diferenças entre várias versões do século XIX sobre a história do Forte Álamo.
- 2 – *Indagação*: porque quero descobrir como os políticos usam as histórias de grandes eventos para moldar a opinião pública.
- 3 – *Exposição de motivos*: a fim de entender como os políticos usavam elementos da cultura popular para favorecer seus objetivos políticos.
- 4 – *Importância*: de modo a saber como nos protegemos dos políticos inescrupulosos e nos tornamos cidadãos melhores.

Se seu projeto é mais puro do que aplicado, mas você ainda acredita que possa ter consequências indiretas palpáveis, declare isso. Mas, ao apresentar seu problema na introdução (veja o Capítulo 15), formule-o como um problema de pesquisa pura cujo fundamento lógico esteja baseado em consequências concretas e guarde as possíveis consequências palpáveis para sua conclusão (veja “Sugestões úteis”, pp. 322-3).

4.3 Descobrir um problema de pesquisa

O que distingue os grandes pesquisadores do resto é o talento, a engenhosidade, ou simplesmente a boa sorte de tropeçar em um problema cuja solução faça todos verem o mundo

de uma nova maneira. Felizmente, o restante de nós normalmente consegue reconhecer um bom problema quando collide com ele, ou ele conosco. Por mais paradoxal que possa parecer, entretanto, quase todos nós começamos um projeto de pesquisa sem estarmos inteiramente certos de qual é o problema, e às vezes nosso mais importante resultado é simplesmente esclarecer esse ponto. Alguns dos melhores artigos de pesquisa não fazem mais do que propor um importante problema novo à procura de uma solução. Na realidade, encontrar um problema novo ou esclarecer um antigo costuma ser um caminho mais seguro para a fama e (às vezes) a fortuna do que resolver um problema já existente. Portanto, não desanime se não conseguir formular inteiramente seu problema no início da pesquisa. Lembre-se, no entanto, de que refletir sobre isso o mais cedo possível poderá evitar que você desperdiçe horas pelo caminho, especialmente quando estiver chegando ao fim.

Aqui vão algumas maneiras de definir um problema desde o princípio.

4.3.1 Peça ajuda

Faça o que pesquisadores experientes fazem quando não têm certeza a respeito do problema que pensam que estão investigando: converse com as pessoas. Fale com professores, parentes, amigos, vizinhos – qualquer um que possa se interessar por seu tópico e sua pergunta. Por que alguém precisaria responder a sua pergunta? O que fariam com uma resposta? Que perguntas adicionais sua resposta poderia suscitar?

Se você está livre para escolher seu próprio tópico, pode procurar um que faça parte de um problema maior em sua área de estudos. É improvável que o resolva, mas se puder esclarecer uma parte, mesmo pequena, seu projeto herdará um pouco da importância dele. (Você também estará se inteirando sobre os problemas de sua área de estudos, o que não é pouco.) Pergunte a seu orientador em que ele está trabalhando e peça para participar de uma parte do projeto.

Atenção: se seu professor ajudá-lo a definir o problema antes de você começar a pesquisa e lhe indicar as fontes, não deixe que essas sugestões limitem seu trabalho. Você deve procurar outras fontes, colocar algo de si mesmo na definição do problema. Nada desanima mais um professor do que um estudante que faz exatamente o que lhe sugeriram, e nada mais.

4.3.2 Procure problemas à medida que lê

Você sempre pode encontrar um problema de pesquisa quando lê criticamente. Consultando uma fonte, repare onde você sente que existem contradições, inconsistências, explicações incompletas. Em que ponto gostaria que uma fonte fosse mais explícita, oferecesse mais informações? Se não ficar satisfeito com uma explicação, se algo parecer estranho, confuso ou incompleto, reflita que outros leitores se sentiriam ou deveriam sentir-se assim também. Pesquisadores experientes têm a confiança de supor, quando lêem uma passagem que não entendem inteiramente, que há algo errado, não com eles, mas com o que estão lendo. Na verdade, quando não conseguem compreender algo totalmente, deduzem que a fonte esteja errada, o que pode significar que encontram um problema novo: um erro, uma discrepância ou uma inconsistência que poderiam corrigir.

É claro, *podé* ser você que esteja errado; portanto, se decidir fazer de sua discordância o centro de seu projeto, releia a fonte para ter certeza de que a entendeu. O problema talvez tenha sido resolvido de uma maneira não informada pela fonte. Os artigos de pesquisa, publicados e inéditos, estão cheios de inúmeras refutações a questões que nunca foram propostas.

Quando pensar que encontra um verdadeiro enigma ou erro, experimente fazer mais do que simplesmente indicá-lo. Se uma fonte diz X e você pensa Y, só haverá um problema de pesquisa se você puder dizer que os leitores que continuarem acreditando em X irão se enganar a respeito de algo ainda mais importante.

Por fim, leia atentamente as páginas finais de suas fontes. É ali que muitos pesquisadores apresentam mais perguntas que precisam de respostas, mais problemas à procura de solução. O autor do parágrafo seguinte tinha acabado de explicar como a vida diária do camponês russo do século XIX influenciou seu desempenho militar.

Assim, da mesma maneira que a experiência dos soldados em tempos de paz influenciou seu desempenho no campo de batalha, a experiência dos oficiais deve ter influenciado o deles. Na verdade, alguns comentaristas da Guerra Russo-Japonesa puseram a culpa da derrota russa nos hábitos adquiridos pelos oficiais no desempenho de suas tarefas econômicas. Em todo caso, para fazer uma apreciação dos hábitos de serviço dos oficiais czaristas na paz e na guerra, precisamos de uma análise estrutural – antropológica, se preferir – do corpo de oficiais do exército, como essa apresentada aqui para o pessoal alistado [grifo nosso].

4.3.3 Procure problemas no que você escreve

Há outra maneira pela qual a leitura crítica pode ajudá-lo a descobrir e formular um bom problema de pesquisa: ler criticamente seus próprios rascunhos iniciais. Quando redige os rascunhos, você quase sempre pensa melhor ao chegar perto do fim, nas últimas páginas. É ali que começa a formular sua afirmação final, que muitas vezes pode ser transformada na solução de um problema de pesquisa que ainda não foi inteiramente formulado.

Ao terminar seu primeiro rascunho (pode parecer que estamos nos adiantando, mas nós o advertimos de que o processo de pesquisa não é exatamente linear), você deve analisar atentamente as últimas duas ou três páginas.

1 – Primeiramente, procure o ponto principal de seu trabalho, uma frase ou duas que representariam sua afirmação mais importante.

2 – Em seguida, procure sinais de que esse ponto solucionou um enigma, acalmou opiniões contraditórias, revelou algo até então desconhecido.

3 – Agora, experimente fazer uma pergunta complicada a que seu ponto principal responderia plausivelmente. Essa pergunta deve definir a condição de ignorância ou erro na qual, se não fosse sua resposta, você e seus leitores continuariam vivendo.

Quando conseguir fazer isso, você terá definido a natureza de seu problema de pesquisa, o que você não sabe mas quer saber. O próximo passo é fácil: pergunte *E daí?* O passo mais difícil é responder. Mas, se conseguir encontrar uma resposta, será porque raciocinou satisfatoriamente de trás para a frente; a partir da solução até a demonstração completa do problema que resolveu (voltaremos a esse processo no Capítulo 15).

4.3.4 Use um problema-padrão

Os problemas são diferentes um do outro, mas a maioria deles encaixa-se em algumas determinadas categorias, muitas definidas por pesquisadores que discordam de alguns pontos de vista geralmente mantidos. Quando você chegar ao ponto em que achar que pode ter delineado um problema, consulte as “Sugestões úteis” sobre “contradições”, após o Capítulo 8. Talvez reconheça na lista apresentada ali um tipo de problema em que possa trabalhar.

4.4 O problema do problema

Seus professores entendem que você não é um profissional, mas acham importante que desenvolva e pratique os hábitos de reflexão de um pesquisador sério. Querem vê-lo fazer mais do que simplesmente acumular fatos sobre um tópico, relacioná-los e relatá-los. Querem que formule um problema que você (e talvez até mesmo eles) tem interesse em ver resolvido. Você dá seu primeiro passo em direção à pesquisa de verdade, quando identifica uma pergunta que é importante para você, que quer responder apenas para sua própria satisfação,

para satisfazer seu próprio desejo de saber mais, para sanar uma discrepância, esclarecer uma contradição, mesmo que ninguém mais se importe. Se conseguir fazer isso desde a sua primeira pesquisa, se encontrar um enigma que achar *importante* solucionar, você terá conseguido algo bastante significativo, que dará satisfação aos seus professores.

Posteriormente, no entanto, ao passar para trabalhos mais avançados, quando decidir que tem motivos para compartilhar suas descobertas e seu conhecimento com os outros, você terá de dar este próximo passo: tentará compreender o que *seus leitores* consideram perguntas e problemas interessantes, que custos *eles* reconhecem como resultantes de uma lacuna no conhecimento *deles* ou falta na compreensão *deles*. E você dá o maior passo de todos, quando não apenas sabe o tipo de problema que seus leitores gostariam de ver resolvido, mas também é capaz de persuadi-los a levar em consideração problemas de um novo tipo. Ninguém dá sempre esses três passos da primeira vez.

Para se familiarizar com tudo isso e obter bons resultados, você pode usar as três etapas que discutimos no capítulo anterior. Mudamos os termos, usando *mostrar* em vez de *descobrir*, e *explicar* em vez de *entender*, mas o segundo e terceiros passos ainda definem implicitamente seu problema:

1 – *Especifique seu tópico:*

Estou escrevendo sobre _____.

2 – *Exponha sua pergunta indireta (e assim define a natureza de seu problema):*

... porque estou tentando *mostrar* a vocês *quês/como/por que* _____.

3 – *Relate como sua resposta ajudará seu leitor a entender algo ainda mais importante (e assim define o custo de não saber a resposta):*

... para *explicar* a vocês *como/por que* _____.

Isso tudo pode parecer distante do mundo real, mas não é. Os problemas de pesquisa no mundo como um todo são estru-

turados *exatamente* como no mundo acadêmico. No meio empresarial e no governo, no meio jurídico e na medicina, nenhuma habilidade é mais altamente considerada que a capacidade de reconhecer um problema importante para um cliente, um empregador ou o público, e então apresentar esse problema de uma maneira que convença os interessados de que o problema que você descobriu é importante para *eles* e que você encontrou a solução. O trabalho que está realizando no momento é sua melhor oportunidade de se preparar para o tipo de trabalho que terá de fazer, pelo menos se você espera crescer em um mundo que depende não só da solução de problemas mas também da descoberta deles. Com essa finalidade, nenhuma capacidade é mais útil do que a de reconhecer e enunciar um problema de maneira clara e concisa, uma capacidade de certo modo ainda mais importante do que a de resolvê-lo. Se você consegue fazer isso em um curso sobre história medieval chinesa, então conseguirá fazê-lo num escritório comercial ou num gabinete do governo.